Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 157

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os ars. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º Anno

A QUESTÃO CLERICAL

Onde começam e até onde vão as religiões?

Para uns, Comte e seus discipulos, as religiões começam no fetichismo. Para outros, Max Muller e Spencer, por exemplo, o fetichismo é a forma primitiva da religião. Para outros, Guyau está n'este caso, as religiões não começam pelo fetichismo mas terminam n'elle.

Vinson não quer que o fetichismo seja uma religião. «O fetichismo é certamente uma etapa, uma phase na evolução religiosa da humanidade. Mas não creio que se lhe possa chamar uma religião. Não pôde haver religião, em meu parecer, pelo menos, sem uma certa concepção metaphysica, sem uma crença n'um sér, n'um poder exterior á natureza ambiente, n'uma personalidade extra-humana que se manifeste por phenomenos materiaes, n'uma palavra, sem a crença n'uma cousa invisível d'effeitos visíveis. Ora os povos que estão ainda em fetichismo não sabem dos limites da natureza. Burton é muito cathgorico a tal respeito; tem o cuidado de fazer notar que os africanos, quando testemunham a sua veneração pelos seus fetiches não adoram esses objectos como typos, mythos, emanações divinas, personificações d'um divindade: adoram-nos por elles proprios.» (Pags. 11-12).

Letourneau admite que o fetichismo seja uma religião. «Toda a definição da palavra religião será falsa ou incompleta se não se poder applicar igualmente ás grandes religiões e ás pequenas, ao fetichismo do dahomeano adorando uma serpente e ás meditações d'um Çakiamouni aspirando ao nirvana através de toda uma serie de encarnações.»

Nós vamos com Letourneau. Mas para o nosso caso são subtilidades. Tanto importa que o fetichismo seja uma simples etapa na evolução religiosa, como que seja uma religião. Se não constitue uma religião, ha povos e povos sem religião alguma. Se constitue uma religião, ha animaes que teem religião como os homens. Se não constitue uma religião é, pelo menos, um sentimento religioso. N'isto não ha divergencias. E, então, nem só não ha o tal consenso unanime á idéa de Deus, que é desconhecido por milhões e milhões de homens, como o sentimento religioso não é privativo do homem.

Esta conclusão impõe-se. E, admittida ella, desapareceu o argumento capital dos deistas.

Letourneau não aceita a de-

finição de religião dada por Ty-lor: «a crença em seres espirituaes, por não comprehender o fetichismo, visto que nem os talismans, nem os fetiches são espiritos, ou objectos alojando seres espirituaes, distinctos da materia; são, diz Letourneau, simplesmente corpos vivos ou inanimados, caprichosamente escolhidos no mundo ambiente e aos quaes se attribuem certos poderes magicos. Acha melhor a definição de Darwin: «um sentimento de devoção religiosa, compondo-se de amor, d'uma submissão completa a um ser mysterioso e superior, d'um vivo sentimento de dependencia, de medo, de respeito, de reconhecimento, de esperança para o futuro e talvez ainda d'outros elementos.» Mas esta mesma se lhe afigura incompleta. Incompleta é ainda a phrase de Petronio, embora verdadeira em grande parte: «*primus in orbe deos fecit timor.*» E conclue: «religião é o conjuncto de crenças no sobrenatural. Esta definição, tão larga quanto possível, tem a vantagem de comprehender não só todos os conceitos relativos aos deuses, aos personagens mythicos, mas tambem todas as hypothesees relativas á vida futura, ás sombras, ás almas dos mortos e mesmo essa religião mascarada e exangue que se chama metaphysica.»

Depois escreve: «Postas estas premissas, torna-se quasi ocioso perguntarse, como o teem pretendido alguns anthropologistas, a religião ou a religiosidade pôde constituir um caracter especial, de ordem superior, uma facultade mental privilegiada, glorioso adorno só da humanidade e, por consequinte, abrindo um abysmo profundo entre o homem e os outros animaes, pondo, por exemplo, entre o mais estúpido dos australianos e o mais intelligente dos mamíferos tanta distancia como a que ha entre um chimpanzé e um carvalho, ou entre este e um bloco de granito.»

O sabio escriptor acha ociosa a pergunta. O animal sente, quer, lembra-se, raciocina. Ama e odeia. Tem alucinações e sonhos. Tem terrores e alegrias. «Quem ousaria hoje contestar a fundamental identidade dos centros nervosos e por consequencia das facultades mentaes no homem e nos animaes superiores?»

Os animaes, pois, são susceptiveis do sentimentos religiosos como os homens. A religiosidade não constitue uma característica humana.

Guyau chega ás mesmas conclusões. «Eis que aos olhos de certos philosophos e mesmo de certos sabios, a religião é exclusivamente o apanagio do reino humano; mas não achámos

até aqui na religião primitiva serião um certo numero d'ideias simples, das quaes nenhuma, tomada isoladamente, está acima do animal. Do mesmo modo que a industria, a arte, a linguagem e a razão, a religião pôde, pois, ter as suas raizes na consciencia confusa e nebulosa do animal. Apenas este se não eleva a taes ideias senão por momentos, não se pôde ali manter, fazer-lhe a synthese, reduzi-las a systema. O animal, embora seja tão capaz de conceber um deus como o ultimo dos selvagens, fica, no entanto, incapaz de ter um culto religioso.» (Guyau—*L'Irreligion de l'avenir* — Paris, 1895, pags. 51.)

Concluindo.

Perante a philosophia moderna, a religiosidade não é apanagio da humanidade, do mesmo modo que a idéa de Deus não é innata, commum a todos os homens, como pretendem os metaphysicos.

O SR. LIMA

O sr. Lima não metteu chicote. Disseram-lhe: «Traga o chicote. Cá estamos nós á sua disposição. Vá. Sóli com o chicote.» E o sr. Lima, que é um tamanhão, encolheu-se, até desaparecer pelo chão abaixo.

Ninguém tomou a pôr os olhos em cima do sr. Lima!

Ah! Mas o sr. Lima é homem fino. E' morgado. Até o compadre, que tambem é da alta, pôe luva branca e sobrecasaca para lhe dar de jantar. Fica com os dedos hirtos, em pondo as luvas, o compadre. Tal é o respeito!

O sr. Lima é homem fino, homem de sala. Não se bate assim nas ruas como qualquer carregão. Diziam os amigos.

Podia-se perguntar: mas então quem o mandou a elle prometter chicote?

Mas não se perguntou coisa nenhuma. Cortou-se-lhe a retirada, praticamente. Mandou-se-lhe offerecer duello. E' fidalgo? E' morgado? Até o compadre fica com as mãos hirtas, de respeito, de veneração, de pasmo, quando calça luvas para lhe offerecer de jantar? Pois então ali tem o recurso dos fidalgos. Aproveite essa generosidade, sr. Lima, para salhir das difficuldades em que se collocou.

Que não! Que não se batia!! Que não acceitava duellos!!!

Então, disseram-lhe, tenha paciencia. Se nem chicote, nem espada, vamos a trata-lo mal. Muito mal. E escreveu-se-lhe o diabo. E foi o inferno.

Então vieram os amigos propôr duello a fingir.

Hom'essa! Então duello a sério não vae nada. Mas a fingir!...

Então que quer? diziam os amigos. Cada um é como cada qual.

O rapaz é assim!...

Deu-se-lhe o duello a fingir.

Passaram-se annos.

O sr. Lima, como fidalgo que é, é soberbo. E' verdade que o compadre tambem é soberbo, soberbão, que é augmentativo de soberbo, e não é fidalgo. Supponhos nós que não é. Quem o vê, não dirá que s. ex.ª não tenha sangue fidalgo. Parece que lhe corre em ondas. Tal é o desdem que da sua nobre pessoa resuda. Tal é a digna altivez do seu porte. Aquella arvore genealogica vae entroncar em godo, deve ser assim, e é capaz de vir já dos persas. Ninguém o sabe. Mas ha coisas que nem por se ignorarem deixam de ser verdadeiras. Porém, se não é assim a fidalguia começa um dia. Acabámos de rimar, sem querer. Se fossemos poeta faziamos agora um soneto. A fidalguia começa um dia. Se o compadre não é descendente, haveis de vé lo ascendente. E é para um homem ter mais soberba. Ah e que esta é bem cabida. Descendente é para ali qualquer. Mas ascendente...

Oh! nós temos sido propheta na nossa terra tanta vez!...

Aquelle vae a barão.

Já d'outros temos dicto o mesmo e elles teem-se zangado. E, afinal, mais tarde, todo o mundo os viu calhidos.

Ora vereis. Aquelle vae a barão!

O sr. Lima, pois, como fidalgo que é, é soberbo. Passados annos tivemos o atrevimento de censurar o excellentissimo senllor. O excellentissimo ficou damnado. Os amigos damnados ficaram. O compadre, n'essa altura, até era capaz de dobrar os dedos se calça a luva branca!

Ficaram damnados.

Veio um rapazola idiota dirigir-nos chufas. Aonde? No papel que é orgão do sr. Lima, da sua politica, do seu grupo. Não é propriedade nossa, gritavam Lima e socios. Mentira, como se viu. E como se ha de vér ainda. A moral d'esses senhores ainda não foi liquidada. Mas, que fosse verdade: um jornal politico exprime as opiniões do seu proprietario ou d'aquelle cujas idéas e interesses moraes elle representa, d'aquelle que lhe dá direcção, inspiração ou caracter?

Qual foi a origem dos artigos contra os quaes o sr. Lima requer policia correccional?

Foi o rapazola escrever que SABIA que nunca tinha sido feita proposta de duello ao mesmo sr. Lima.

Sabemos. Disse-o imperativa-

mente. Quem lh'o disse? O sr. Lima, a quem o rapazola lia os artigos antes de os publicar. O sr. Lima, cuja politica era e é representada na imprensa pelo pasquim de que se trata. O sr. Lima, porque só elle o podia informar de maneira tão precisa, tão formal, tão cathgorica.

SABEMOS. Era a voz do sr. Lima.

Ora isto é que é importante.

Liguemos, pois, os factos; estudemos a personalidade moral do sr. Lima. O sr. Lima prometter chicote. E não appareceu com o chicote! O sr. Lima não acceitou duello emquanto o duello tinha caracter de seriedade. E acceitou duello quando sabia que duello não iria por deante! O sr. Lima negou mais tarde, cathgoricamente, imperativamente, que, antes do duello a fingir, lhe houvessem sido feitas propostas de duello a valer. Em virtude d'isso publicámos aqui os documentos comprovativos da mentira affirmada pelo orgão do sr. Lima. Commentámos-os com a indignação que o facto requeria. E o sr. Lima não procede logo contra esses artigos, nos quaes viu offensas. Deixa passar seis mezes e, no fim de seis mezes, é que a sua dignidade offendida reclama satisfação.

Seis mezes!

Isto tudo, ligadinho, diz, a respeito do sr. Lima, quanto se pôde dizer.

Mas concordem todos que excede quanto se poderia esperar de um homem fino, de um morgado, de um homem de salão!

Isto de desaggravo, em questões de honra, é meramente convencional. Ora, como nós já dissemos, os codigos da honra ou acceitam o desaggravo immediatamente á affronta ou não o acceitam em caso nenhum. Aquelle que não pedir reparações logo immediatamente ao conhecimento da affronta, não tem mais direito a ellas. E a convenção, n'este ponto, está em perfeita harmonia com a razão. Quem diabo admittite que um homem, que se julga offendido, fique seis dias, quanto mais seis mezes, a chocar a offensa? Ou se desaffronta desde logo, pelos meios que quizer, ou não se considera affrontado e despreza a supposta affronta. Isto é o que impõe a razão a todo o mundo.

No entanto, o sr. Lima foi, pelo menos, coherente. O homem que prometter chicote e que se enterrou depois, chão abaixo, com o chicote, o homem que não acceitou duello a sério, que implorou propostas de duello a fingir e que informou, mais tarde, que NUNCA tinha recebido as propostas do duello a sério, não podia deixar de estar SEIS ME

ZES sem pedir o desaggravo d'uns artigos em que se suppõe aggravado.

Foi coherente. Lá isso foi. Verdadinha acima de tudo. Mas ficou mais uma vez entalado. E' sorte d'elle.

E ficou, mais uma, vez entalado, porque tendo evitado que o sr. Homem Christo lhe mettesse uma espada pela bocca abaixo não conseguiu evitar que aquelle senhor lhe fizesse o mesmo com os artigos. Porque o sr. Homem Christo ha de lhe metter os artigos pela bocca abaixo, em pleno tribunal. E o sr. Lima ha de os engulir.

Exauctoração solemne, em sessão publica, au grand complet.

Olaré!

Ainda bem, para não aban-

da, de vez, a prôa do sr. Lima.

O sr. Lima não tem direitos nenhuns á veneração que intenta impôr. Em face dos principios, o sr. Lima só merece a guerra aberta de todos aquelles que tenham amor á liberdade. O sr. Lima é um verdadeiro reaccionario. Póde e deve ter a acquiescencia dos reaccionarios. Póde ter a idolatria de meia duzia de beattos e tem-a. Mas não tem, não ha de ter nunca, a acquiescencia dos elementos liberaes e intelligentes da cidade, que prezam o seu amor á liberdade e ás tradições da terra em que nasceram.

Nunca. Na terra de José Estevão o sr. Lima não tem, não póde ter logar, senão como representante dos herdeiros d'aquelles que em vida tanto combateram o brilhante orador e o brilhante soldado da causa liberal.

Em face dos interesses locais, o sr. Lima é o homem que defendeu a suppressão do districto de Aveiro.

Éa indiferente que Aveiro fosse, ou não fosse, a séde d'um regimento, ou de qualquer unidade administrativa ou militar.

E' verdadeiramente revoltante que a canalha, que cerca o sr. Lima, esteja a atirar pedras ao actual presidente da camara municipal. O sr. Lima tambem já foi presidente do municipio aveirense. Que fez elle? Fez o que fazem todos os morgados: arranjou um procurador, um substituto, e foi passear, e foi dormir. O sr. Lima, como presidente da camara municipal, não fez nada, absolutamente nada. Abdicou nas mãos do vice-presidente, que era o sr. dr. Alvaro de Moura, e foi passear.

E é a canalha, que constitue o partido do sr. Lima, que arremessa agora pedras ao sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, porque este senhor, em seis mezes, tem prestado mais serviços a Aveiro do que os prestariam todos os presidentes da laia do sr. Lima mil annos que vissem.

De maneira que temos o homem n'estas condições. Se escreve, escreve a favor da suppressão do districto de Aveiro. Se fala, fala contra a liberdade. Se o elegem presidente da camara, vae para casa resar as contas com a familia ou redigir artigos sobre flores, sem arte e sem talento, quando não prepara artigos que prejudiquem a terra em que nasceu e as povoações limitrophes, o que é peor. Não tem importancia nenhuma, nem peso, na politica geral do paiz. Quando promette chicote e lhe pedem o chicote,

te, não apparece. Quando lhe propõem duello a sério, não o acceta. Quando lhe dizem que não é a sério, acceta logo. Quando lhe falam n'isso, nega tudo. Quando o censuram por tal procedimento, só seis mezes depois se julga offendido para chamar aos tribunaes aquelles que o censuram.

Que idéa faz o sr. Lima da sua pessoa?

O que julga o sr. Lima? Não se illuda. O sr. Lima não tem, não póde ter, direito algum á veneração publica que pretende.

Pelo contrario. O sr. Lima merece que o castiguem, sem dó, nem piedade.

E' o que impõe o dever publico.

Dever que, pelo nosso lado, havemos de cumprir sem hesitações nem desmaios.

Não nos mette medo com as suas policias, nem com coisa nenhuma.

Convença-se d'isso, sr. Lima. Convença-se d'isso.

O sr. Lima, faz-nos o favor de se convencer de que não nos mette medo com as suas policias correcionaes?

O excellentissimo ha de nos fazer esse favor.

Por especial favor, sr. Lima! E conte sempre conosco.

A camara municipal de Aveiro vae fazer a aquisição de dois urinoes de ferro do systema dos do Porto para serem collocados, respectivamente, nas Praças do Commercio e do Peixe.

E' uma medida acertada, pois que são dois pontos onde se tornam indispensaveis.

NEM TUDO É MAU

O sr. D. Luiz de Castro, par do reino e distinctissimo agronomo, encetando nas *Novidades* uma serie de artigos sobre o ensino agricola no exercito, diz:

Um dos mais bem redigidos jornaes da capital — *Novidades*, — um dos que melhor orientam a opinião publica, tem dado cabimento nas suas columnas mais distinctas a uma serie interessantissima de artigos sobre a instrucção do soldado, devida á pena auctorizada d'um capitão do exercito em guarnição na provincia, cujas qualidades de iniciativa, zelo, intelligencia e estudo bem podiam servir de exemplo e incentivo a não poucos paisanos e aos tantos camaradas seus que no sertão portuguez commandam unidades militares.

Refiro-me ao sr. Homem Christo, que não conheço nem de vista, estando por isso perfeitamente á vontade para poder sem uma sombra de suspeição render-lhe as minhas sinceras e ainda que absolutamente desvalorizadas homenagens de applauso e dedicar-lhe os mais entusiasticos elogios e testemunhos de admiração.

A sua obra de excellencia comprovada por factos, executada no campo tão rebarbativo, hostil ou indifferente—d'uma indifferença que estiola as mais energicas boas vontades—da terra provinciana de Portugal, é d'aquellas que me assombra a mim co-nhecedor do meio e habituado a lutar n'ella e por elle.

Dar annualmente sem que ninguém ou nada a isso o impilla, a não ser o desejo de bem servir o seu paiz, instrucção de lér, escrever e contar aos analfabetos da sua companhia, instrucção civica aos que veem com algum ensino da escola primaria da freguezia, é praticar uma acção de alta envergadura patriótica, de rara abnegação pela causa publica, de forte honrabilidade pessoal.

Ella actua não só pelos seus effectos immediatos nos individuos a que se applica, mas tambem pelo exemplo que dá, pela escola que forma, pelo

estímulo que fatalmente ha-de crear na sua classe, e a não ser — o que não posso crer — que já não haja homens n'esta excellentissima patria e n'esse uber-rimo viveiro de antigos heroes. Os heroes hoje manifestam-se n'outros campos de batalha e com outras acções.

Era-me facil dar agora umas estatisticas demonstrativas do valor que poderia ter para a instrucção global do paiz este ensino por companhias no exercito, e isto sem apoucar em nada o merito das actuaes escolas regimentaes dirigidas pelos srs. capellães, aos quaes é inteiramente impossivel ministrar instrucção aproveitavel a algumas centenas de homens.

Não quero, porém, alongar em demasia este escripto, que eu desejo consagrar a um assumpto congenere, mas muito mais de *minha casa*, para o qual justamente me orientou a attenção e longa mas curiosissima theoria de artigos do sr. capitão Homem Christo nas *Novidades* e umas locaes e noticias das revistas francezas de agricultura.

O nosso amigo sr. Homem Christo tem soffrido dissabores pela sua obra patriótica. Mas tem sido compensado pelos louvores d'algumas altas individualidades do paiz, louvores d'entre os quaes lhe devem ser muito agradaveis, pela imparcialidade que representam, esses que acabamos de transcrever.

ESPECULADORES

Um dos argumentos dos francecos contra o augmento do imposto do piso é que a camara actual já tem a seu favor as prestações do quartel e o augmento dos 15% sobre as contribuições. O *Progresso de Aveiro* responde a isso dizendo que as prestações do quartel saem do fundo de viação e que tem de ser consignados de novo a este encargo, não podendo a camara desviar-las para outra applicação; que dos 15% votados, finalmente, 8% são para o quartel e a verba destinada á instrucção publica, que recebem 23% em vez de 15, ficando apenas 7% para occorrer aos encargos geraes; que o augmento do imposto do piso dá lugar ao alargamento do novo mercado e para a construcção do mercado do peixe, como aqui dissemos.

A viação não é um estado miseravel, todos o reconhecem. Estava n'essa miseria porque não havia recursos para occorrer ás despesas indispensaveis. A camara não pode distrahir para outro fim os fundos donde sahiam as prestações do quartel. Mas, ainda que podesse, não devia fazelo.

Dos 15% fica com 7, que não chegam para nada. Onde ha de a camara ir buscar recursos?

Ha busca-los ao augmento do imposto do piso, imposto pago pelo labrego, que, repetimos, nada paga sendo o animal mais daminho, com a historia de molliços e transpote de molliços, que ha em Portugal.

O que os francecos não querem é que a camara municipal continue prestando á cidade os relevantissimos serviços que vem prestando.

Não tendo o Jayme feito coisa nenhuma, quando presidente da camara, não tendo *Chifas* e outros feito mais que *chalacear*, é d'um desprestigio temivel para os francecos pô-los em confronto com a actual vereação. D'ahi a raiva dos tartufos!

Mas a cidade é que se não deve deixar illudir.

Aveiro tem estado n'um vergonhoso estado de abandono. Vergonhosissimo! Para interesse e honra nossa, é indispensavel, é urgente sahir d'esse abandono. Se a camara municipal, tão habil, corajosa e patrioticamente se lançou n'esse caminho de redempção, o dever, o interesse de todos os aveirenses, que põem a justiça e o amor á sua terra acima d'especulações partidarias, é ani-

mar a camara, é apoiar-la, e não desalentar, intimidar, embaraçar os vereadores.

Esse é que é o nosso interesse. Esse é que é o nosso dever.

De resto, quando a camara municipal sahir do caminho levantando e recto que vem trilhando, seremos nós os primeiros a combate-la, a stigmatiza-la.

O augmento do imposto do piso era justo e era indispensavel. Fez a camara muito mal em o suspender.

Por isso, e só por isso, a censuramos.

Cartas d'Algures

8 DE AGOSTO.

O christianismo foi um movimento de reouo, de retrocesso sobre a civilização pagã. Trouxe consigo o odio á sciencia, o imperio da ignorancia. Os seus homens illustres, os doutores dos primeiros seculos da Igreja, foram ainda um producto do paganismo. «Depois d'elles, é preciso confessar-lo, tudo mudou. Uma noite profunda cobriu a humanidade» (Compayré, obra citada, tomo I, pag. 51.)

Compayré, um crente, não quer que o christianismo seja a causa exclusiva de tamanha monstruosidade. Depois de nos pintar o estado pavoroso da Europa sob a influencia da Igreja, conclue: «Seria injusta attribuir ao christianismo, cuja auctoridade foi tão grande na idade média, a responsabilidade exclusiva d'esta ignorancia.»

Illogico, como todos aquelles que se debatem na lucta entre a verdade e os preconceitos. Contudo, a verdade vae triumphando. E tanto que elle apenas concede que o christianismo não tenha a responsabilidade exclusiva.

Teve-a. As trevas da idade média resultaram do espirito christão. O christianismo apoderou-se completamente do ensino, da intelligencia humana e fez esforços titanicos para a esmagar. «Uma orthodoxia rigida barrou a caminha a toda a investigação audaciosa nos estabelecimentos d'instrucção superior; quanto ao ensino primario, sempre muito insufficiente, era dado á vista mesmo da auctoridade ecclesiastica. Todo o progresso era, pois, impossivel...»

Todo o systema d'educação parece combinado para embotar a intelligencia e falsificar a razão. Se a Europa não ficou bestializada para sempre foi porque, graças ao pequeno numero de escolas, sobretudo das escolas inferiores, a massa da população escapava a todo o ensino e vivia n'uma ignorancia profunda, mas relativamente salutar.» (Letourneau—*L'Évolution de l'éducation*—Paris, 1898 — pags. 529-531.)

E eis um caso em que o articulista do Norte tem razão. Ahi, sim. O analfabetismo, segundo Letourneau, foi uma salvação. Admittamos. Mas para fugir á influencia religiosa! Mas nas profundezas da Idade Média!

Com a Reforma, quebrou-se, em parte, a tradição christã. Onde essa tradição se manteve, nos povos que continuaram submettidos ao papado, manteve-se a ignorancia. Nos povos que se revoltaram, seguindo a corrente emancipadora da Reforma, a ignorancia diminuiu.

Não são os povos latinos que decaem; são os povos catholicos. E a causa principal da sua decadencia está no analfabetismo, em particular, na ignorancia, em geral, o melhor terreno, até hoje conhecido, para os preconceitos, para o fanatismo. E a causa principal dos progressos dos povos protestantes está no ensino elementar, ministrado, em larga escala, ás multidões, no ensino profissional que o completou, na cultura de toda a ordem, o melhor instrumento da emancipação e liberdade.

Notemos, antes de tudo, que, das tres grandes partes do ensino, os jesuitas apenas cultivaram com successo a instrucção secundaria. Pelo ensino primario não fizeram, voluntariamente, coisa nenhuma; pelo ensino superior, apesar da sua boa vontade, não souberam fazer coisa alguma. E' facil comprehender porque

não quizeram acolá e porque não poderam aqui.

Para se dedicarem á instrucção elementar do povo era preciso que aborrecessem a ignorancia, que amassem a cultura, que acreditassem na obrigação de elevar e engrandecer a humanidade pelo desenvolvimento da consciencia individual, como na necessidade de formar a consciencia pelo desenvolvimento da intelligencia. Ora os jesuitas não admittem o valor intrinseco da cultura intellectual. Não comprehendem essa cultura senão como uma conveniencia imposta pela hierarchia a certas classes da nação. Longe de a estimarem acima de tudo e como o fim supremo dos esforços do homem, desconfiam d'ella; veem n'ella uma arma perigosa que é bom não pôr em todas as mãos. Para Loyola tudo se subordina á fé e a fé do povo não tem melhor salvaguarda que a sua ignorancia.» (Compayré, idem, pags. 170.)

«Os jesuitas não eram partidarios ardentes da instrucção do povo por isso que a ignorancia absoluta das massas não servia senão para fortificar o imperio da ordem.» (Huber—*Les Jesuites*—Paris, 1897—tomo II, pags. 144.)

«No seculo XV, as escolas elementares estão ainda, por toda a parte, nas mãos ou sob a ferula do clero. No seculo XVI, os partidarios do passado inquietam-se e os jesuitas tornam-se a milicia intellectual da Igreja atacada pela Reforma protestante. A ordem de Loyola elabora então um plano de estudos, mais particularmente destinado ás classes dirigentes e combinado para lhes ensinar um saber habilmente subordinado á religião, que deve ser a base e o eume, o centro e a alma de todo o estudo, de toda a educação.» (Letourneau, idem, pags. 552.)

Portanto, o papado continuava na corrente da Idade Média. Nada de cultura. A que houvesse, falsificada e nas mãos da Igreja. Mas o maximo cuidado em que a não houvesse para o povo. Para o povo, não. Para as classes superiores, vá que não vá. Elles lá estavam para a falsificar, para a ministrar a seu modo. Eram classes que elles tinham, e tem, na mão. Mas para o povo, não. O povo não devia saber ler nem escrever. O analfabetismo era a segurança de Roma.

Essa foi, e continúa sendo, a politica do papado. Essa foi, e continúa sendo, a obra do jesuitismo. Aliás a doutrina christã. Não confundamos. Deixemos aos ignorantes a confusão, o disparate de affirmarem que os jesuitas são os inimigos de Jesus. Não são tal. Jesus abençoou e prometeu recompensas a quem deixasse por elle casa, terras, irmãos, irmãs, sua mulher e seus filhos, seu paé e sua mãe. Jesus declarou que, de futuro, n'uma casa de cinco pessoas seriam duas contra tres e tres contra duas. Jesus lançou, muitas vezes, imprecações d'odio e maldição, dizendo que não vinha trazer a paz á terra. Jesus foi um fervoroso partidario da ignorancia. Bem aventurados os ignorantes, que d'elles será o reino do céu. Os jesuitas, pois, quando dissolvem os sentimentos de familia e de patria, pondo o céu e o interesse da religião acima de tudo, quando propagam a separação e o odio, quando combatem a sciencia, quando mantem a ignorancia, estão, precisamente, nas doutrinas de Jesus; não fazem mais que alargar a sementeira lançada á terra pelo fundador do Christianismo.

São elles, deixemos aos ignorantes e aos sophisticos a affirmação contraria, são elles os verdadeiros representantes da religião christã.

«No seu periodo glorioso, Roma e Athenas desenvolveram-se livremente sem soffrir o pezo d'uma educação acanhada e dogmatica. Ora a Grecia foi a educadora do Occidente e admiramos ainda as creações artisticas e intellectuaes do seu maelle e fino genio. Muito menos bem dotada pelo lado do espirito, Roma teria podido, no emtanto, elevar-se na escola da Grecia; mas exgotou-se em incessantes conquistas, que fizeram a sua fortuna politica e causaram a sua ruina social; adoptou, sobretudo, o lado mau da pedagogia hellenica: a rhetorica e a sophistica, que, uma e outra, serviram, para o crescimento do mal, á propagação do

Christianismo desde que elle se tornou uma potencia.

Com o triumpho definitivo da religião de Christo, o antigo systema d'educação autoritaria e clerical retomou vida nova e recomeçou a sua obra nefasta. Devemos-lhe a esterelisação intellectual da Europa durante toda a Edade Media e durante uma boa parte dos tempos modernos. A propria Renascença, suscitada pelo fermento hellenico, constituiu apenas uma libertação das mais incompletas. Estimulou a curiosidade intellectual n'uma pequena minoria de espiritos d'élite; mas não modificou sensivelmente nem o systema de educação em vigor nem a escravidão geral da razão. Podemos dizer que até a Revolução franceza, a pedagogia medieval reinou na Europa sem estorvos, pelo menos sem modificar notavelmente os seus methodos. Tranquillamente continuou a inculcar aos jovens espiritos doutrinas dogmaticas e uma sciencia troncada, a inspirar-lhe a admiração das palavras e o desdem dos factos, a entulhar-se de linguas mortas até ao excesso, a debicar com as velhas escolasticas. Mas está o mal enfreado ao menos? Temos um fundamento para acreditar e dizer que essa educação rediga e calculada não fosse libertar e estimular os espiritos, mas para os escravizar e intorpecer, morreu e desapareceu para sempre? Ah! E' muito cedo para cantar victoria! (Letourneau, idem, pags. 564-565).

Cêdo, muito cêdo para cantar victoria, infelizmente. E' especialmente em Portugal.

A tradição christã foi toda, pois, de ignorancia e assim se mantem ferreamente. E' certo que Lutero apregou a instrução e, em particular, a instrução do povo. Mas Lutero, ao contrario do que pretendem os protestantes, não é a genuina tradição christã. Essa, repetimos, ficou com o jesuitismo, ficou com o papado.

O protestantismo desviou-se n'esse ponto, como vamos vêr. E, d'ahi, a principal vantagem, dizmo-lo de novo, não cessaremos de o dizer, do povo protestante, cujo espirito se emancipou mais cedo, cuja cultura se alargou immenso, sobre os povos catholicos, que permaneceram na ignorancia e na escravidão.

«Eu vos supplico — carta de Lutero aos conselheiros dos Estados allemães — eu vos supplico, caros amigos e senhores, que acolhaes com benevolencia os meus escriptos e os meus conselhos. Vemos em todo o paiz as escolas a cahir, os gymnasios sem alumnos... E' Satanaz que suggere aos homens esse esquecimento da educação das creanças... A coisa é grave e importante. Se todos os annos se emprega tanto dinheiro em comprar machinas de guerra, em construir estradas, em restabelecer pontes, em mil outros objectos d'utilidade publica, porque se não ha de empregar muito mais, ou tanto, pelo menos, em adquirir e sustentar mestres-escolas, homens activos e intelligentes, capazes de educar e de instruir a nossa mocidade?...

Peço que a creança vá á escola, pelo menos uma hora ou duas em cada dia. Tempo demais temos vegetado na ignorancia e na corrupção; por tempo demasiado temos sido os *estupidos allemães*; é tempo de nos lançarmos ao trabalho. As raparigas, essas tambem, teem tempo demais para que se possa exigir d'ellas uma hora diaria d'escola, uma pequena hora pelo menos.» (Compayré, idem, pags. 153-154).

«Mas, continúa elle, as escolas são necessarias, independente de toda a consideração religiosa. Ainda mesmo que não houvesse alma, nem céo, nem inferno, ainda seria necessario ter escolas para as coisas d'este mundo.» (Letourneau, idem, pags. 534).

Compayré, referindo-se á carta de Lutero, escreve que esse documento dá direito a dizer-se que o ensino popular é filho do protestantismo.

No numero seguinte d'este periodico veremos como a ideia de Lutero se alastrou e arreigou.

Mas fica desde já demonstrado que o clericalismo é o grande partidario do analfabetismo, que a instrução popular se filia nas duas grandes correntes emancipadoras: a Reforma e a Revolução franceza, que o republicano articulista do Norte faz, por conseguinte, causa commum com os reaccionarios contra a democracia, desdenhando dos esforços d'aquelles que procuram levantar o nivel intellectual do paiz.

Desdenhando só, não. Combatendo abertamente, que outra coisa não faz o sr. J. C. no seu artigo de 13 de julho. Com este artigo não poderia o articulista do Norte conseguir mais que levar ao animo dos seus leitores a completa indiferença, senão a mais profunda má vontade, pela obra da instrução nacional, indifferença tanto mais facil de incutir no espirito publico quanto é essa a sua tendencia.

Não lemos, não temos lido o *Diario da Tarde*, não nos importa a discussão travada entre elle e o sr. J. C. Como democrata, lavramos e lavramos apenas o nosso protesto contra as peregrinas theorias de um homem que se diz republicano, e não por serem peregrinas, dado o republicanismo do seu auctor, que d'essas coisas estamos nós farto, já não perdemos tempo com ellas, mas por serem, principalmente n'este instante, prejudicialissimas.

Foi pessimismo, foi desalento, foi excentricidade? Fosse o que fosse.

O sr. J. C. querendo fulminar os dirigentes do paiz tornou-se cúmplice d'elles, enfileirou-se voluntariamente entre os 10 % dos que sabem ler e escrever, dos que teem cultura, e aos quaes attribue os males da nação.

Alfred Fouillée, que é um philosopho e escriptor de cotação universal, n'uma das suas obras, já por nós citada — *La France au point de vue moral* — accusa (de pags. 24 a pags. 26) os homens de letras e os sábios de elementos dissolutos do caracter nacional. «A philosophia, diz elle, perdeu uma grande parte da sua hegemonia, que passou, por um lado para os litteratos e artistas, pelo outro para os sábios. Ora nem uns nem outros eram então (seculo XIX) capazes de exercer uma influencia feliz sobre a nação e o seu progresso moral. Litteratura e arte, abandonadas a si proprias, só podiam terminar no dilettantismo, no scepticismo e, finalmente, no *egotismo* da nossa epocha, que é a antithese de toda a organização... Por outro lado, acantonados nas suas especialidades e, o mais das vezes, extranhos a toda a cultura verdadeiramente philosophica, os sábios do seculo XIX não resistiram ao desejo de generalisar, á falta de melhor, noções incompletas, a transportar indevidamente para o mundo social principios plausiveis somente no mundo animal, taes como a lucta individualista pela vida, ao lado da qual não souberam vêr o accordo pela vida. Apresentaram como scientificas as hypotheses d'uma metaphysica aventureira. Falavam tanto mais alto e mais forte em nome da sciencia quanto as suas theorias eram menos demonstradas pela sciencia. Nada egual, além d'isso, a ausencia de methodo que caracteriza os sábios especialistas desde que se aventuram n'um dominio extranho ás suas especialidades... Foi, sobretudo, aos litteratos e aos sábios que o seculo desonrou de dissolução e a desorganisação das idéas e, por isso mesmo, dos sentimentos. Os philosophos, esses, não souberam ou não puderam reagir com successo, impotentes como eram para libertar o sentido ainda indeciso das grandes descobertas modernas. Emquanto a escola de V. Cousin ficava alheia ao movimento das sciencias — e mesmo da alta philosophia desde Kant — os Renan e os Taine soffriam a fascinação das sciencias da natureza, ao mesmo tempo que a da historia, da litteratura e da arte, indo tudo parar a um naturalismo acanhado, velado n'um por um idealismo vago e capcioso e no outro por um apparato, não menos enganador, de rigor logico.»

Ha n'isto grandes verdades. E

povo nenhum tem soffrido mais com esses *sábios especialistas*, que não sabem nada fóra das suas especialidades, mas que, em nome da autoridade de que d'ellas lhe resulta, se teem imposto para ajudar a obra de dissolução moral do paiz, nenhum povo tem soffrido mais com esses litteratos dilettantes, esses *egotistas*, aos quaes a belleza da fórma só tem servido para propagarem, em regra, as maiores monstruosidades, esses scepticos, que, sem cultura nenhuma philosophica, teem desdenhado, zombado, troçado dos *immortaes principios*, levando, em nome da sua auctoridade de litteratos festejados, de escriptores cotados, de homens de letras afamados, de *jornalistas de pulso*, a troça e o desprezo d'esses principios ao coração do paiz, povo nenhum tem soffrido mais com a acção d'esses senhores que o desgraçado povo portuguez.

Por isso mesmo nós queremos que a cultura intellectual suba em todos. E' o unico obstaculo a desvarios de tal ordem.

O sr. J. C. pertence ao numero d'esses 10 p. c. responsaveis. Não é um torpe, como a grande maioria; não é um dilettante; é um homem de bem e de talento, com magnificas intenções, mas soffre um pouco, ao que se vê, d'esse pessimismo, que é um cancro, d'esse scepticismo e d'esse *egotismo* a que se refere Fouillée.

E continuaremos.

A. B.

MUITO BEM

Lê-se na correspondencia de Lisboa para o *Progresso de Aveiro*:

«O procedimento de algumas auctoridades d'esta cidade tem sido vivamente discutido aqui.

Tudo se conjuga para que a anarchia e a desordem estabelecessem arraives n'essa cidade.

Creiam pois, que o que mais anima os descontentes é o convencimento em que estão de que em Aveiro está uma auctoridade judicial, que não inspira confiança aos homens de ordem e aquelles que querem ver arreados da praça o tribunal judicial a paz politica e a predilecção por certas pessoas, que fazem alarde das suas *opiniões*.

Estranho que a imprensa d'essa cidade, que não é octricta ás *coerterias* que o sr. J. C. Pinto protege, tenha deixado passar em claro o papel pouco edificante que o sr. juiz Francisco Antonio Pinto, que condemna sem prova, e absolve com prova, umas vezes por favoritismo, e outras por má vontade pessoal.

O sr. juiz Pinto precisa de mudar de vida. O que s. ex.^a está ali a fazer é improprio de um juiz de direito.

O *Progresso* não pôde calar-se. Tem de fustigar o sr. Pinto, se não quizer tornar-se cúmplice do sr. juiz nas irregularidades e nas injustiças que elle pratica.

O sr. Pinto pôde continuar, mas não ha de ser com o nosso silencio.

E' possivel que melindres a respeito tenham obstado a que o *Progresso* haja cumprido o seu dever, mas a tolerancia tem limites. Chegou a occasião do sr. Pinto ir para a berlinda.

E se n'essa terra não ha ninguem que queira romper o fogo, cá está o correspondente de Lisboa para supprir esta grande falta.»

Muito bem.

Mas as censuras do illustre correspondente não attingem o *Povo de Aveiro*, que de ha muito vem censurando o juiz. E, por isso mesmo, este é jogado contra nós pelos especuladores politicos da localidade.

Voltaremos a este assumpto.

ASSOMBROSO!

O *Economista* do dia 3 dizia o seguinte, que é verdadeiramente assombroso:

«Garantiu-nos, ha poucos dias, pessoa competente, que subia a muitos contos de réis a importancia dos productos pharmaceuticos falsificados e vendidos em Portugal.»

CARTAS DE NENHURES

«Falla-me outra vez o J. das M. nos annuncios judiciais que se tinha promettido para o P.

O caso é muito differente de aquelle que se está dando com a C. E.; e o meu amigo que, apesar do seu *geniosinho*, ha de ser sempre pela razão, vae decerto concordar com o que vou dizer-lhe.

Meu proprio pae me tem perguntado por vezes se quero ou não os annuncios, que aliás teem sido poucos, para o P. E esse seria todo o meu interesse, mandal-os, porque escuso fallar-lhe nas sympathias que tenho pelo P.

Mas, esperando eu, como espero, de ha muito a campanha contra o Juiz que é o maior e mais completo malandro (arre, diabo!) que ha presentemente na terra, e tendo fallado sobre essa campanha de moralidade por muitas e muitas vezes, (vê-se bem que tinha vontade d'ella) com seu irmão M. C., julguei, e parece-me que bem, ser sufficiente para indispôr meu Pae com o Juiz o facto do processo do A. E. e as minhas relações com o Juiz, de ha muito cortadas. (Agora são amiguinhos!) Se ainda agravar a situação do Escrivão de Direito perante o seu Juiz, mandando os annuncios d'aquelle para o jornal que bate n'este (que medo d'escrivão e que facciosismo de juiz, no entender do auctor da epistola) pareceu-me muito, e esperando a todo o momento a porrada no homem, (que ancia! Por falta de vontade não peccava) calculei e bem que devia obstar a algum procedimento que, de certo, o pulha do juiz (arre diabo! Duas vezes arre!) teria (que horror de juiz faccioso, sempre no parecer do articulista) se os annuncios fossem publicados no P. (Já é juiz com má vontade ao tal P.!)

Já vê, pois, como tenho pensado, e a lealdade com que lhe fallo serve-me de garantia á sua acquiescencia. O J. vae agredir o juiz?

Não ha annuncios porque elles não são meus mas do tabelião D. S. Não vae? Temos todos os annuncios. Como, porém, se lucra mais com a campanha do que com os annuncios, opto por aquella.

(Hein? Mas é capaz de dizer que não era elle que incitava e informava o P. mas o P. que o incitava e informava a elle. E é amiguinho do J., e come do J., e é contra o P. que o J. volta todos os seus odios e rancores. O que é o mundo?)

O J. (não confundam j. pequeno com J. grande, que são duas coisas muito differentes) o j. com uma boa administração deve vigiar e escusado será dizer-lhe que até onde eu chegar pode contar commigo para o que quizer.

Nota-se que o j. falle pouco das cousas de A. E' preciso não desprezar o caso.»

Repetimos o que dissémos no ultimo numero. Quem quizer decifrar estas cartas e conhecer o auctor, se não sabe por si só fazer uma cousa nem outra, venha a esta redacção.

Que, de resto, as cartas hão-de ser juntas a um processo que se vae tornar celebre, e, então, não são precisos mais enygmas.

A formiga dizia á cigarra: «Cantaste? Pois agora dança!»

E tambem serve este velho dictado popular: «Quem quer festa sua-lhe a testa.»

Quizeram festa? Pois ha de suar a testa a uns poucos. Não ha de ser só a um!

No penultimo sabbado deu entrada nas cadeias d'esta comarca o celebre hespanhol Chico Blanco, passador de notas falsas, e muito conhecido em Aveiro.

SERENATA

No proximo dia 12, pelas 9 horas da noite, os socios da *Tuna Talábriga*, realisam uma serenata na nossa ria.

Entre vozes e instrumentos contam-se approximadamente 125 pessoas.

Os promotores d'esta festa teem sido os incansaveis aveirenses, srs. Manuel Gonçalves Moreira e João Alleluia, a quem felicitamos pela sympathica lembrança.

Edifício do Terreiro

Vão em breves dias recommençar as obras do Terreiro para o governo civil e mais repartições publicas.

Foi o sr. governador civil quem conseguiu do sr. ministro das obras publicas esta concessão.

E', pois, s. ex.^a digno de muitos louvores.

Chicas, Cabecinhas, Tinhosos e Mijaretas

O pasquim dos francaceos, em artigo editorial, de padre mestre, diz que a camara municipal é que teve a culpa dos ultimos tumultos.

Pois está claro! Foi ella que os provocou!

Não está farta toda a gente de o saber?

Foi o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto quem incitou os *labregos* a que lhe fossem apedrejar as janellas. Foi o sr. Ignacio da Cunha quem incitou os *labregos* a que lhe despedaçassem portas e janellas.

E os francaceos fizeram o contrario. Os francaceos andaram mettidos pelas aldeias a recomendar ordem, socego, prudencia, respeito, etc.

Sobre isso ninguem tem dúvidas.

Diz mais o padre mestre que quem applaudiu as manifestações contra o bispo deve agora applaudir estas. Distinga. As manifestações contra o bispo foram espontaneas, foram instantaneas e foram provocadas. Ahi a exaltação durou um momento. Ninguem, absolutamente ninguem, incitou as manifestações e nunca tal se disse. Foi a incorrecção, a inhabilidade do bispo que as provocou e duraram tanto tempo quanto durou a axaltação popular.

Mas agora o caso foi muito differente.

A camara municipal deu tempo a reclamações. Ninguem as fez. Os *labregos*, no primeiro dia, não praticaram brutalidades. Como se explica que as praticassem só quando a camara municipal suspendeu o imposto, contra o qual se fazia *supposta* grêve?

Arre, malandros. Não atrapalhem, nem confundam. Não ha paridade nenhuma entre a manifestação contra o bispo e esta ultima. Em primeiro lugar a manifestação contra o bispo foi de gente da cidade e esta foi dos barbaros das aldeias. Cada um em sua casa pôde abusar. Fará mal. Mas não revolta tanto como se fôr abusar na casa alheia.

Em segundo lugar, a manifestação contra o bispo foi de occasião, perfeitamente d'ocasião. O bispo não era sympathico, o espirito das multidoes era anticlerical, mas se não é o incidente da procissão nada havia. Foi esse incidente que exaltou os animos. E o que se seguiu foi filho d'essa exaltação de momento.

Mas agora as selvagerias só appareceram depois de decorridos dois dias. Não foram filhas de nenhuma exaltação de momento. Pelo contrario, foram meditadas. Ha mais: só appareceram no momento em que a camara cedia ás exigencias dos *grévistas*, se *grévistas* houve. Arre, malandros.

de com o zelo com que nenhuma a serviu até hoje?

Por ter obtido, por si ou por intermédio dos seus amigos, que o governo libertasse Aveiro do tremendo encargo do quartel?

Por ter obtido que o governo lhe cedesse a cerca do convento das carmelitas?

Por ter resgatado o mercado? Por ter reformado as canalizações?

Por ter feito, em seis mezes, o que outros não tem feito em seis annos?

Então o que merece o sr. Jayme de Magalhães Lima, que não fez nada como presidente da camara, que fugiu, que abandonou a presidência?

O que merece?

Responda a corja. O que merece o sr. Jayme de Magalhães Lima que pediu a *supressão do districto de Aveiro*?

Que escreveu que tanto lhe importava que em Aveiro houvesse, como não houvesse, regimento?

O que merece?

Os malandros que o digam.

O imposto do piso não era pago pelo consumidor. Dissémo-lo e repetimo-lo. Era pago pelo vendedor. E o vendedor, o *labrego*, pôde e deve pagar mais.

O imposto do piso era destinado a um fim especial, a corrigir a asneira que as vereações anteriores não souberam ou não poderam impedir.

Era mau? Porque não reclamaram contra elle em termos e em tempo?

Porque começaram com manifestações pacificas e acabaram com manifestações tumultuosas?

Porque eram pacificas as manifestações, enquanto existia o imposto, e passaram a ser tumultuosas quando o imposto já não existia?

Que dizem os biltres a isto?

Que não sabem explicar. Com o cynismo revoltante de todos os canalhas, concordam em que o facto é digno d'extranhoso, mas declaram, seraphicamente, que o não sabem explicar!

On elles não tivessem padre em casa e não fossem da grey jesuitica?

E fingindo indignações que dão vontade de rir, por um lado, e de os correr a pontapés, pelo outro, intimam a auctoridade a que nos chame para precisarmos os nomes dos francaceos que andaram em Verdemilho e n'outros pontos a excitar os *labregos*.

Pois quando queiram. Nós diremos tudo o que ouvimos e a quem o ouvimos.

Tudo!

Dirémos o que sabemos e o que viermos a saber.

Sómos aqui o echo da opinião publica como seremos em toda a parte.

Não se cansem. Não ficará provado, judicialmente, quaes foram os malandros. Mas todo o mundo os conhece.

Todo o mundo!

A esse respeito ninguem tem duvidas!

E dizem que o sr. Ignacio da Cunha lhes jurou pela boa sorte da sua familia, e lhes pediu para tornarem publico o juramento, que não pronunciou uma phrase que foi causa, ao que consta, do assalto á sua casa.

Pois olhe, sr. Cunha, isto não vae com juramentos. Vae mas é com trabucos.

O senhor jura? Para a outra vez ainda lhe fazem peor.

Mas faça constar que tem em casa uma boa espingarda e munições sufficientes, convença-os d'isso, esteja disposto a usar d'ella, convença-os d'isso tambem, e verá que não volta lá nenhum.

De juramentos, se riem elles!

Talvez que elles não lhe assaltassem a casa, nem a do sr. Gustavo, se a camara tem mantido o imposto e se tem mostrado resoluta em o manter.

Não ha coisa que mais audacias dê á canalha que o medo

Ahi, sim. Ahi é que a camara merece todas as censuras.

Ahi, sim.

A camara, por isso. As auctoridades pela vergonhosa fraqueza de que, tambem, deram provas excessivas.

Foi uma covardia pegada, esta é que é a verdade.

E d'essa covardia veio tudo.

Para desempenhar uma commissão de serviço no lyceu do Porto, acaba de ser nomeado o sr. dr. Eduardo Silva, illustrado professor do lyceu d'Aveiro.

A falsificação do pão

Tem dado que fallar a grande pouca vergonha feita no pão, falsificando-o com serrim de madeira, barro branco e casca de arroz.

E' com toda a razão que o Porto e todo o paiz pede severo castigo para os envenenadores do povo. E' preciso todo o rigor da lei para punir essa gentalha, que não só o rouba no peso dos generos, mas tambem os falsifica.

As doenças são muitas vezes originadas pela má e nociva alimentação que os infames falsificadores nos impingem nos generos de primeira necessidade.

De Ovar, além de um tal Dyonisio d'Araujo, celebre falsificador, que se acha detido no commissariado geral de policia do Porto, foi reclamada ao sr. administrador d'aquella villa a captura de Pedro Valente, Manuel Fernandes Teixeira e Antonio Pereira de Carvalho, como cúmplices de tão grave falsificação.

Parece que em Aveiro, felizmente, se não encontrou farinha alguma falsificada na inspecção de sanidade a que se tem procedido, apesar de terem sido lacradas algumas saccas em diversas padarias.

Antes assim.

Companhia Lisbonense

Todo Aveiro conhece o director d'esta sympathica companhia — o popular Domingos.

Pois este distincto actor, segundo se diz, acaba de cegar e ensurdecer, em virtude de uma grave constipação.

E que a encantadora Lola, que aqui fez as delicias dos *habitués*, enlouquecera, tendo dado entrada no hospital d'alienados da capital.

Que infelicidade!

Novo apeadeiro

A companhia real dos caminhos de ferro resolveu estabelecer entre a estação d'Ovar e Estarreja um novo apeadeiro, denominado da *Regedoura*, e situado no kilometro 296:900.

Este apeadeiro é para serviço de passageiros sem bagagem, pelos comboios *tramways* e servirá as povoações de Vallega, Regedoura, S. Miguel, Cadaval e outras.

E' um importante beneficio para aquellos povos e a companhia auferirá bons lucros com essa resolução.

Mordida por um gato

— Morte

No penultimo sabbado, falleceu no Porto, no meio de um estertor horrivel, uma creancinha que fôra mordida por gato atacado de raiva.

Parece que á infeliz creança lhe não foi applicado o tratamento anti-rabico.

E' preciso muito cuidado com estes animaes.

"Povo de Aveiro,"

Em Lisboa, na tabacaria Monaco.

Em Aveiro, vende-se na

COISAS DE LONGE

A maior burla do seculo — Nova pista

Na legação de França em Athenas recebeu-se uma carta anonyma muito curiosa, relativa a esses inimigos Humbert que, depois de ter burlado meio Paris, parece divertirem-se agora a burlar a justiça.

Affirma essa carta que os Humbert se refugiaram em Strofadia, onde existe o convento de São Diniz, protector da cidade, conhecido na lenda por ter subtraído á justiça o assassino de seu irmão.

Os habitantes d'aquella cidade grega consideram como uma traição entregar quaesquer malfiteiros. A familia Humbert encontrar se-lia portanto ali em absoluta segurança.

O auctor da carta ajunta que não pôde, por enquanto, dar-se a conhecer, com receio d'uma vingança terrivel dos habitantes de Strofadia; mas que, logo que a prisão se effectue, se fará reconhecer na legação de França, por um signal que reproduz n'essa carta. E termina por insistir na urgencia da captura dos Humbert, que deverão abandonar o convento por occasião das festas do seu santo protector, que tem logar por estes dias.

Condennado á morte

Os tribunaes francezes condemnaram á morte um tal Fava que, em maio ultimo, assassinou a amante a punhaladas, tendo ferido tambem com dois golpes uma creança que ella trazia ao colo.

Mulheres assassinas

O correspondente de Paris para o *Seculo* diz, em data de 1 do corrente, o seguinte:

«Neste estio pouco terrivel, com raros dias torrados o crime não tem dado grande aumento ao noticiario das gazetas de Paris. Os assassinos fugiram para os *bovidos* e é nos arabaldes da *grande* capital que se tem dado ultimamente varios crimes de sensação. Um dos curiosos: os criminosos tem sido mulheres e todos os dramas se resolvem entre Asnieres e Garenne. *Gracia* tão aprazivel das barreiras de Paris.

Entre os *crimes* últimos crimes que tem havido no *paiz* designado acima, destacamos o de Madame Carminalti que matou o seu marido a golpe de machado, aproveitando-se covardemente do momento em que o desgraçado dormia! E porque? por ciúmes do extremado amor que o marido tinha pela familia. A megera é digna de guilhotina. O seu crime é tão repugnante como infame.

Hontem, outra mulher matou o marido com trinta e tantas punhaladas! Mas convém notar que a criminosa era de ha muito uma victima das brutalidades do marido. Quando hontem, n'um novo conflicto, o esposo completamente bebado a moia de pancadas, a mulher revoltou-se e, armando-se d'uma faca, esfaqueou-o, n'uma crise allucinada. Depois, apresentou-se no commissariado de policia, confessando, banhada em lagrimas, o seu crime. Trazia nos braços o seu ultimo filho, que tem apenas dois annos.»

A fortuna dos pobres. — Uma mina... nos ossos

Um chimico allemão fez uma descoberta insignificante na apparencia, mas que poderia levar-nos a consequencias absolutamente imprevisitas sob o ponto de vista social.

Descobriu o chimico que o nosso corpo — tanto o do mais rico como o do mais pobre — contém, nos seus tecidos, de 1:650 a 1:700 grammas de calcium, um metal rarissimo cujo valor commercial é actualmente avaliado em 50 mil francos o kilogramma.

D'onde se segue que trazemos dentro de nós uma verdadeira mina d'ouro, representando um capital de 80 mil francos, e que, a fallar com exactidão, verdadeiros pobres não existem! Estão a vêr a conclusão imprevisita...

Infelizmente, o chimico allemão não nos fornece o meio de explorar essa mina, isto é, extrahir sem inconveniente grave para o nosso organismo esse metal que forma um

dos elementos constitutivos e essenciaes da nossa osatura.

Em todo o caso, eis ahi uma consolação para aquelles que não tem dividas, a certeza de que são possuidores de tão importante fortuna... vitalicia.

HORARIO DOS COMBOIOS

De Aveiro para o Norte

5,21 m., correio, 1.ª e 2.ª classe.
9,00 m., mixto, todas as classes.
4,47 t., tramway, viado d'Alfarellos.
8,11 t., omnibus todas as classes.
9,49 t., expresso, 1.ª e 2.ª classe.

TRAMWAYS

3,55 da manhã.
10,15 da manhã.

De Aveiro para o Sul

6,48 m., omnibus, todas as classes.
2,12 t., tramway, até Alfarellos.
5,34 t., expresso, 1.ª e 2.ª classe.
10,30 t., correio, 1.ª e 2.ª classe.

TRAMWAYS

Chegada a Aveiro, terminus.
9,49 m.
9,9 t.

ANNUNCIOS

SAPATARIA REIS

R. DOMINGOS CARRANCHO

(A'S CINCO RUAS)

AVEIRO

O proprietario d'esta acreditada sapataria, José Almeida dos Reis, participa aos seus estimaveis freguezes que mudou o seu estabelecimento da Costeira para a sua casa da rua Domingos Carrancho, onde lhe deu uma instalação mais apropriada.

Como sempre, o seu empenho é bem servir todos os que procuram a sua casa e, para isso, ao mesmo tempo que se encarrega de todas as encomendas por medida, tem á venda um grande sortimento de calçado fino para homem, senhora e creanças.

Todos os que conhecem as obras que sahem da sua casa, sabem que ellas se recommendam pela perfeição de corte, excellente acabamento e incomparavel modicidade de preços.

O proprietario agradece desde já a visita com que o publico se dignar honrar o seu novo estabelecimento.

ALVARO DE MORAES FERREIRA MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 42 a 44

Vinho de Bucellas

O legitimo vinho de Bucellas só se vende em Aveiro no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe.

CONSULTORIO DENTARIO

DE

THEOPHILO REIS

DE

THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista

pela Universidade de Coimbra

Extrahe, obtura, colloca

dentes e encarrega-se

do concerto de dentaduras

R. DIREITA, 58, 1.º

Aveiro

COSINHA PORTUGUEZA

OU

ARTE CULINARIA NACIONAL

COLLABORAÇÃO DE SENHORAS

(Productos reservados a um fim patriótico e piedoso)

2.ª edição, muito melhorada

Contém: — Preliminares sobre Modo de

ben viver; A nossa habitação; A agua; A

nossa alimentação; O nosso vestuario; Pro-

ceitos diversos.

795 receitas, com as seguintes secções:

Sopas e purés, 41; Legumes e hortali-

ças, 25; Carnes diversas, 100; Croquetes e

almondégas, 15; Peixes diversos (receitas

de bacalhau, 35); 91; Molhos diversos, 23;

Massas e outros meios, 19; Pastéis, tortas e

empadas, 29; Ovos e omeletas, 21; Saladas

diversas, 8; Doces de sobremesa, 203; Com-

potas e conservas, 54; Doces de chá, 155.

— Total 795.

A venda unicamente na Imprensa Aca-

demica, de Coimbra para onde devem ser

feitas as requisições, acompanhadas de sua

importancia, que é: — Em brochura, 600-rs.

Pelo correio, 650. Em formosa cartomagem,

700. Lempelo correio, 760 réis.

BREAK

VENDE SE um quasi novo.

N'esta redacção se diz com

quem tratar.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79